
Saber tradicional ameríndio e experiências didático-pedagógicas sobre corpo e lugar entre Brasil e Portugal¹

Marcelo Rodrigo da SILVA²
Fabiana Feronha WIELEWICKI³
Teresa LUZIO⁴

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus Parintins (ICSEZ), Brasil
Instituto Politécnico de Leiria (IPLEiria), nas Caldas da Rainha (ESAD.CR), Portugal

RESUMO

Este artigo relata a experiência didática, pedagógica e interdisciplinar no estudo das visualidades sobre corpo e lugar, envolvendo os componentes curriculares de Fotografia, Cinema e Performance dos cursos de Jornalismo e Artes Visuais de instituições de ensino superior no Amazonas, Brasil, e nas Caldas da Rainha, em Portugal. Sob uma perspectiva transmetodológica (MALDONADO, 2012), reflete-se sobre os sentidos e linguagens experimentais desenvolvidos pelos estudantes e professores, de forma híbrida, durante o primeiro semestre de 2022 e que têm como referência estudos ancorados no saber tradicional ameríndio (KOPENAWA e ALBERT, 2015; CASTRO, 2017).

PALAVRAS-CHAVE: Saber Tradicional Ameríndio; Visualidades; Corpo; Lugar; Experiências didático-pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Este artigo relata a experiência didática, pedagógica e interdisciplinar no estudo das visualidades sobre corpo e lugar, envolvendo os componentes curriculares de Fotografia, Cinema e Performance dos cursos de Jornalismo e Artes Visuais de instituições de ensino superior no Brasil e em Portugal.

Trata-se de uma experiência resultante de uma parceria interinstitucional entre os Grupos de Pesquisa Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq), do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (Icsez) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), em Parintins, Amazonas, e o Laboratório de Investigação em Design e Artes (LiDA) da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Estudos da Mídia. Professor e Coordenador do curso de Jornalismo do ICSEZ/UFAM. Líder do Grupo de Pesquisas Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq), e-mail: prof.marcelorodrigo@gmail.com

³ Doutora em Arte e Design. Professora e Vice-coordenadora do curso de Artes Visuais do ICSEZ/UFAM. Líder do Grupo de Pesquisas Visualidades Amazônicas (VIA/CNPq), e-mail: fabianaw@gmail.com

⁴ Doutora em Arte e Design. Professora e Coordenadora do curso de Artes Visuais da ESAD.CR/IPLeiria. Membro do Laboratório de Investigação em Design e Artes (LiDA/IPLeiria), e-mail: teresaluzio@gmail.com

Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (Esad.CR), do Instituto Politécnico de Leiria (IPLeiria).

Por meio da parceria, desenvolveu-se o projeto “Corpo, gesto e lugar: notas sobre a luminescência”, que envolveu as disciplinas de cinema, ministrada pela professora Fabiana Wielewicki no curso de Artes Visuais do Icesz/Ufam; fotografia, ministrada pelo professor Marcelo Rodrigo no curso de Jornalismo da mesma instituição; e performance ministrada pela professora Teresa Luzio no curso de Artes Visuais na Esad.CR/IPLeiria.

Durante o período letivo 2021.1 – realizado no primeiro semestre do ano civil de 2022 – os professores desenvolveram, de forma híbrida (presencial e remotamente), atividades colaborativas em encontros conjuntos, expandindo reflexões, experimentações e abordagens acerca de questões norteadoras do projeto. Importante ressaltar que o projeto não surgiu de um tema central pré-definido, mas do entrelaçamento entre os assuntos corpo e lugar, deixando margem para desdobramentos possíveis encontrados a partir desta proposição inicial. A relação entre corpo e lugar inaugurou um campo de experimentação potencialmente rico a ser explorado conjuntamente, mas incorporando as trajetórias, biografias e sensibilidades individuais dos participantes.

Dessa forma, o presente texto tem o objetivo de refletir sobre os sentidos e linguagens experimentais desenvolvidos pelos estudantes e professores, em suas respectivas disciplinas, de forma híbrida, durante o primeiro semestre de 2022, sob uma perspectiva transmetodológica, conforme proposto por Efendy Maldonado (2012), no que diz respeito à possibilidade de variação nas aplicações técnicas de investigação.

Segundo esse pensamento, os métodos e técnicas não são enrijecidos, nem representam receitas prontas, mas se tratam de um ordenamento lógico dos processos de pesquisa que objetivam a integralidade das compreensões e, por causa disso, podem ser feitos de formas associadas. Entende-se, portanto, em concordância com o autor, que a associação de técnicas possibilita o entendimento dos fenômenos sociais como complexos e que, por isso, não pode ser fechada em um único ordenamento metodológico específico e isolado.

Fotografia, Cinema e Performance: corpo e lugar (e imagem)

As etapas de desenvolvimento do projeto foram, gradualmente, sendo construídas de forma colaborativa entre as disciplinas de fotografia, cinema e performance. O diálogo entre os campos teóricos da fotografia, cinema e performance foi sendo construído pelos

professores responsáveis pelas disciplinas por meio de reuniões remotas visando o planejamento das aulas. Buscou-se com essa metodologia a cooperação mútua, no sentido de proporcionar a abordagem de educação a distância denominada “estar junto virtual” (VALENTE, 1998), que vai além de uma simples comunicação via rede e que estrutura o que o autor chama de “telepresença”.

Segundo essa abordagem, devem ser fomentadas condições para a comunicação e a troca de experiências entre membros de um determinado grupo na elaboração de um projeto ou na resolução de problemas. Para isso, é interessante a participação de um especialista capaz de criar condições para gerar novos conhecimentos por meio de interações com os aprendizes, que estimulem troca de ideias, questionamentos, desafios e o fornecimento da informação necessária para que o grupo possa avançar. Isso significa que o especialista deve “estar junto”, mesmo de forma digital, ao lado dos aprendizes, vivenciando as situações e auxiliando-os a resolver questões.

As tecnologias empregadas para a realização do projeto aproximam os processos de ensino e aprendizagem e estimulam a interação mediada pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) com objetivo de gerar ciclos de ações, facilitando o processo de construção de conhecimento ou a espiral de aprendizagem (VALENTE, 2005).

Esses processos de ensino e aprendizagem mediados pelas TDICs também se aproximam das conceituações de Tapscott (2010) quando diferencia o aprendizado de massa do aprendizado interativo. Para o autor, enquanto o aprendizado de massa é centrado no professor, padronizado, centrado no conhecimento e informação, baseado em um modelo de aprendizado individualista e em aulas expositivas, o aprendizado interativo é centrado no estudante, personalizado, centrado na construção do conhecimento através da colaboração, baseado em um modelo de aprendizado colaborativo e em aulas interativas. Por isso, segundo o autor, o papel do professor não é de ensinar aos alunos alguma coisa, mas de conduzi-los como mediadores no processo de aprendizagem e descobertas.

Nesta etapa foi sendo definido que assuntos seriam trabalhados conjuntamente, reunindo as três turmas, assim como os conteúdos específicos das componentes curriculares a serem abordados de forma separada entre as turmas pelos professores responsáveis. O desafio de articular o eixo central do projeto aos conteúdos formais das disciplinas — que já possuíam um conteúdo curricular estabelecido pelas instituições de

ensino superior — abriu um campo de análise frutífero para pensar o entrelaçamento entre corpo e lugar a partir de uma ideia de imagem.

No campo do fotográfico, o processo de gravação da luz que incide sobre determinado corpo ou objeto é princípio fundamental e operação constitutiva da própria ideia de fotografia. O registro luminoso resultante desse processo estabelece uma conexão essencial entre um corpo material — que habita o mundo concreto, e um corpo imaterial — memória do anterior existente sob forma de luz. Capturar o movimento de corpos luminosos é um desafio técnico presente desde os primeiros experimentos realizados no campo do cinema.

A imaterialidade da imagem cinematográfica, a projeção de um mundo em movimento é constitutiva da própria ideia de cinema — diferente da fotografia que (ainda) pode assumir a materialidade de um objeto, ao ser impressa em papel ou outro suporte. Mesmo nos primeiros filmes, onde a ausência do som era um impasse técnico a ser vencido, o desejo narrativo encontrava um lugar na fala muda dos corpos. Uma espécie de fantasmagoria luminosa, cheia de lacunas e silêncios, procurava colocar em relação corpos em empreitadas e ações diversas.

A performance, no âmbito das artes visuais, investiga experiências do corpo no mundo por meio de proposições artísticas. Ações do corpo em relação ao contexto social e político são fundadoras da própria noção de performance enquanto linguagem artística: o corpo em constante diálogo e/ou embate com o meio onde se insere, com outros corpos. A efemeridade é uma condição intrínseca da performance, pois dura o tempo de sua execução. Do impasse entre a imaterialidade da experiência e a permanência (que assegure seu estatuto de arte) incorpora registros fotográficos e videográficos em seu campo de investigação artística. Surge, assim, a tensão entre acontecimento — ação de um corpo em determinado lugar— e registro, questão chave para o desenvolvimento da linguagem da performance no campo da arte.

Em Portugal, a professora Tereza Luzio, responsável pela disciplina de performance, iniciou suas reflexões e experimentações sobre corpo e lugar partindo de “*The Branch Dance*”, de autoria de Anna Halprin (1957), na Califórnia. Na performance, os corpos se integram de forma sinérgica às plantas, como verdadeiros ramos. Daí em diante, ganhou força no projeto a atenção com relação à natureza, aos ecossistemas e às formas de representação e simbologia do sentir o(s) corpo(s) e o(s) lugar(es).

Figuras 1 e 2: performance *The Branch Dance* (Anna Halprin)



Fonte: Museum of performance + Design

À medida que eram ampliadas as pesquisas e os contatos com produções artísticas, narrativas e literaturas de referência, ganhou espaço o cenário amazônico e as cosmovisões dos diferentes povos que o habitam, especialmente, os povos que compartilham do saber tradicional ameríndio. As práticas e observações teóricas das disciplinas passaram, então, a convergir para a observação das formas de expressão, representação e simbologia das visualidades sobre o corpo e lugar na Amazônia.

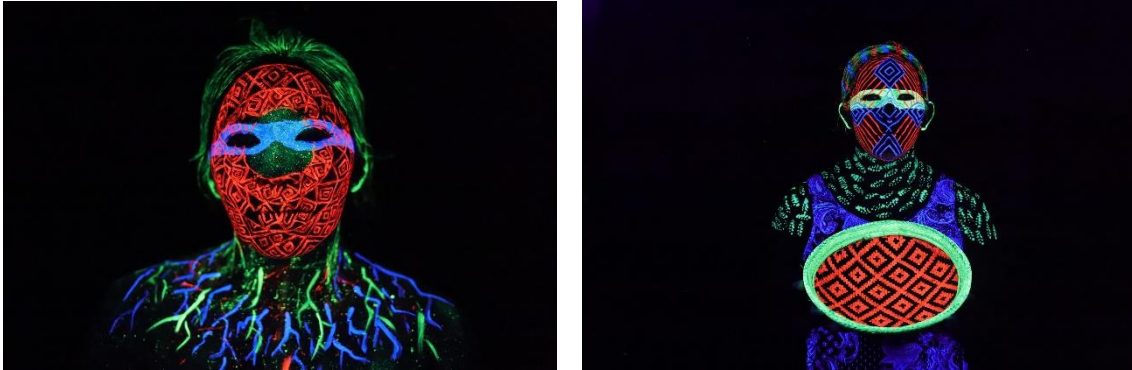
Nesse sentido, o professor Marcelo Rodrigo acrescentou às discussões, a partir da disciplina de fotografia, a exposição fotográfica “*Pamürimasa – os espíritos da transformação*”, de autoria de Paulo Desana e em exposição virtual na plataforma digital Teatro e Povos Indígenas (TePI).

Em sua apresentação, a plataforma TePI explica que o teatro é entendido na diversidade de sua forma e valorizando o corpo como poder estético e político. As obras e as ações que compõem a programação refletem a existência para além da humanidade, “mostrando interesse pelas pessoas, mas também pelas árvores, pelo ar, pelo animal, pela flor, pela água, pela comunidade, pelo cheiro, pela terra e pela ancestralidade” (TEPI, 2022).

A obra apresenta visualmente o conhecimento dos antepassados herdados pelo Pajé para saber como realizar o benzimento de cura de seu povo. Para isso, utilizou como elemento narrativo de representação simbólica tintas luminescentes e cores fluorescentes porque, conforme a própria apresentação da obra (DESANA, 2022): “a tinta

luminescente, inclusive, surge como inspiração para simbolizar os espíritos desses antepassados”.

Figuras 3 e 4: Obra Pamürimasa (Paulo Desana)



Fonte: Teatro e Povos Indígenas (TePI)

Na exposição foram fotografados pajés de diferentes etnias indígenas e, ainda conforme Paulo Desana, a obra tem como objetivo suscitar aproximações entre os temas mitologia, tradição, arte, cultura, identidade e fotografia, “partindo de um levantamento de referências sobre a mitologia da viagem da Cobra-Canoa da Transformação ou, como é chamado na língua Tukano, *Pamürimasa* (os “Espíritos da Transformação” ou que saíram da água do rio)” (DESANA, 2022).

Concomitantemente, a professora Fabiana Wielewicky acrescentou às reflexões sobre corpo e lugar, envolvendo as visualidades do cinema, o filme “*Los silencios*”, dirigido, roteirizado e produzido por Beatriz Seigner e premiado em Cannes em 2018. O longa-metragem conta uma história que se passa em uma ilha localizada na região amazônica, na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, onde uma família busca abrigo após fugir da violência dos conflitos armados da Colômbia. Aos poucos, a família descobre que a ilha é povoada de fantasmas.

Na trama de Seigner, os personagens Núria, de 12 anos de idade, Fábio, de 9 anos de idade, e sua mãe, Amparo, vivenciam o cotidiano da vida permeada por simbologias relacionadas à cosmovisão dos saberes tradicionais ameríndios. Saberes estes que passam a permear a narrativa visual do filme a partir da expressividade de componentes de cor e luz.

De forma semelhante ao que se verificou com a exposição fotográfica, a narrativa cinematográfica emprega elementos visuais relacionados à luminescência para

representar o saber ancestral dos povos indígenas. Essa forma de expressão com base nas tintas fluorescentes como representação de corpos fantasmagóricos, espíritos da floresta ou mesmo de um conhecimento ancestral, é o que se revelou como tônica das discussões sobre visualidades envolvendo os assuntos corpo e lugar dentro do projeto, perpassando os pontos de vista das três disciplinas em questão.

Figura 5: Cena do filme *Los Silencios* (Beatriz Seigner)



Fonte: Miríade Filmes

A partir das obras de referência apresentadas nas aulas ministradas foram propostas experimentações práticas a serem desenvolvidas pelos alunos no âmbito de cada disciplina. Na disciplina de fotografia foi desenvolvido um projeto que investigou a luminescência a partir de pinturas corporais realizadas entre os alunos, tomando como referência a exposição fotográfica “*Pamiirimasa – os espíritos da transformação*”, de Paulo Desana. A proposta da disciplina de performance envolveu a realização de exercícios com o corpo em determinados lugares e sua consequente documentação por meio da fotografia. Tais registros foram reunidos em um banco de imagens, visando desdobramentos futuros e trocas entre os participantes do projeto. Os alunos da disciplina de cinema construíram um banco de imagens composto por fotografias e pequenos registros em vídeo de lugares em Parintins. O banco de imagens serviu de base para a escrita de um roteiro e uma produção em vídeo.

Luminescência como expressão

A partir das visualidades encontradas nas referências artísticas das disciplinas – a conexão do corpo com a floresta (performance); a luminescência como representação do saber ancestral (fotografia); e a luminescência como simbologia de um corpo fantasmagórico e espiritual (cinema) – partiu-se para uma reflexão mais aprofundada sobre a luminescência enquanto expressão de uma linguagem visual relacionada a um saber tradicional ameríndio.

A esse respeito, os participantes do projeto encontraram nos relatos presentes no livro o que Castro (2017) chamou de uma caracterização da ontologia dos espíritos amazônicos em registro visual.

O funcionamento de uma poderosa imagística intensiva da cintilação e do reflexo luminoso, por um lado, e da divisibilidade multiplicação indefinida dos espíritos, por outro. Primeiro, a luz. A narrativa de Kopenawa está literalmente constelada de referências à luminosidade, ao brilho, às estrelas e aos espelhos. Na versão que reproduzi no começo deste artigo, vemos os espíritos como “poeiras luminosas”, vemos seus caminhos, “tão finos como teias de aranha... vemo-los brilhar, inumeráveis, de uma claridade lunar”; vemos os “imensos espelhos” em que eles viajam, veículos resplendentes que estão “sempre a brotar de novo” (CASTRO, 2017, p. 331).

Viveiros de Castro se refere ao extenso depoimento do xamã Davi Kopenawa ao antropólogo francês Bruce Albert no livro “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami” (2015). A fala de Kopenawa é repleta de referências visuais riquíssimas em nuances, brilhos e contrastes luminosos. A floresta, seus seres e fenômenos são descritos em imagens que causam impacto visual, oscilando entre assombro e maravilhamento.

[...] Por isso os xapiri cintilam como estrelas que se deslocam pela floresta. [...] Seus dentes são imaculados e brilhantes como estilhaços de vidro. [...] Em suas danças de apresentação, os xapiri agitam jovens folhas desfiadas de palmeira hoko si, de um amarelo intenso e brilhante. Movem-se em ritmo lento, flutuando com leveza no mesmo lugar acima do solo. [...] Brandem imensos sabres, projetando raios de luz em todas as direções como se agitassem espelhos à sua volta. Avançam numa luminosidade ofuscante, como a dos faróis dos carros à noite. (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 160)

Nessa instância do projeto, instaura-se uma discussão sobre a imaterialidade dos corpos a partir de uma manifestação luminosa. Essa questão apontou caminhos e clarificou questões em aberto no projeto. Apontou para a percepção do corpo para além da materialidade, expandindo-se para a espiritualidade. Essas reflexões aproximam-se também do Xamanismo.

Viveiros de Castro assinala que uma possível definição para o Xamanismo amazônico, reside na “habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades aloespecíficas, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos.” (2017, p. 22)

A atenção voltada à percepção do corpo material/espiritual e as formas de representá-lo visualmente exigiu a reconfiguração do perceber, um desafio que se transformou em uma série de exercícios teóricos e práticos envolvendo professores e alunos das três disciplinas.

Reconfiguração do perceber

A partir dos conhecimentos e saberes adquiridos com as leituras, foram desenvolvidos exercícios e atividades práticas estimulando o tensionamento da percepção dos professores e alunos a respeito do corpo e lugar, também baseados no tensionamento das linguagens narrativas associadas às experimentações tecnológicas, no sentido proposto por Murray (2003) quando discute a adaptação dos formatos narrativos a partir das possibilidades de enunciação dos meios de comunicação e expressão, e o uso que fazemos das novas tecnologias.

Na disciplina de performance, os alunos foram estimulados a pensar a relação de seus próprios corpos com o lugar. Seus lugares de origem; a relação de seus corpos com a ancestralidade; as formas de representação dos corpos ancestrais em seu cotidiano; as imagens, as fotografias. Todos foram convidados a perceber o corpo material e reconhecer o corpo imaterial que se faz presente pelas visualidades dos elementos que os rodeiam.

Na disciplina de cinema, a percepção sobre as materialidades e imaterialidades dos corpos e suas relações com o lugar foram tensionados a partir das experimentações de linguagens narrativas. Os participantes foram convidados a buscar formas de representação dos diferentes corpos em diferentes planos (físico/etéreo); experimentar linguagens baseadas na expressão simbólica dos corpos a partir da luminescência; pensar a luminescência como linguagem; experimentar a produção de sentidos na sequência cinematográfica a partir do binômio luz (fluorescente) e sombra.

Na disciplina de fotografia, os alunos foram convidados a representar sem seus próprios corpos os corpos de seus ancestrais com tintas luminescentes. Todos foram estimulados e construir formas, linhas e desenhos que trouxessem à materialidade de seus

próprios corpos os outros corpos sutis que passam a se materializar pela expressão visual. Depois que pintados, os alunos puderam performar e fotografar no escuro e com o auxílio de luz negra o resultado do efeito luminoso que eles mesmos criaram.

Os exercícios aqui descritos, apesar de simplórios e ainda iniciais representaram momentos únicos de tensionamento do olhar e do sentir a relação corpo e lugar e, mais do que isso, oportunidades de reconfiguração do perceber essas relações. O resultado dos exercícios está sendo compilado e resultará em uma publicação unificada, em que serão reunidas as produções das três disciplinas de forma colaborativa.

Considerações Finais

O projeto “Corpo, gesto e lugar: notas sobre a luminescência” ainda está em andamento e segue aberto para incorporar possíveis desdobramentos. O que apresentamos neste relato é o estado da arte do projeto que revelou aos participantes a possibilidade de conhecer a luminescência como linguagem e expressão visual a partir do saber tradicional ameríndio.

Em sua fase atual, debruça-se sobre o aprimoramento dos projetos realizados pelos alunos, recolha de registros e relatos, visando compor uma publicação. Também estão sendo planejadas aulas abertas internacionais, uma colaboração entre os grupos de pesquisa VIA/CNPq (UFAM, Brasil) e LiDA/IPLeiria (ESAD, Portugal), para tratar de assuntos que ultrapassam os conteúdos das componentes curriculares, assim como aprofundar certas questões que emergiram das discussões e encontros realizados no âmbito do projeto.

Uma aula aberta já foi realizada (maio/2022) no Instituto Politécnico de Leiria (Portugal), os professores Marcelo, Fabiana e Teresa apresentaram as fases iniciais estruturantes do projeto, conceitos e obras de referência e os primeiros resultados obtidos.

A discussão dos assuntos corpo e lugar, a partir do escopo teórico de cada componente curricular, abriu caminhos para a reflexão em torno da imagem e sua materialidade. O formato aberto do projeto possibilitou encontrar questões para além do entrelaçamento entre corpo e lugar, aprofundadas com o estudo do referencial teórico.

O entendimento do corpo além de sua materialidade, expandido pela espiritualidade (Xamanismo) tornou-se uma questão central no âmbito do projeto. O estudo da imaterialidade do corpo nos pressupostos do Xamanismo, por meio da literatura que aborda os saberes tradicionais ameríndios, poderá encontrar um caminho de reflexão

possível na relação entre materialidade e imaterialidade da imagem fotográfica e videográfica.

As ações do corpo, gestos e possibilidades de inscrição/manifestação nos lugares, são assuntos de investigação do projeto que culminaram na descoberta da luminescência como expressão visual. O percurso até aqui traçado propõe, para além do estudo e reflexão sobre materialidade e imaterialidade do corpo manifestado em imagem, um debate (ou um embate) importante a ser discutido em âmbito acadêmico: na relação entre corpo material e espiritual encontra-se um caminho possível para a reconfiguração do perceber.

As atividades desenvolvidas pelos alunos e professores, bem como as trocas de ideias e conhecimentos resultantes de leituras e conversas em sala de aula presencial e remotamente revelaram-se momentos férteis de confrontação e reconstrução de saberes e formas de sentir as visualidades e as possibilidades de produção de sentidos sobre corpo e lugar.

É válido salientar que não se pretendeu com este relato apresentar fórmulas ou modelos acabados de processos de ensino-aprendizagem ou métodos pedagógicos consolidados. Antes, contudo, intencionou-se compartilhar o processo vivo de construção de saberes a partir das experiências particulares, partindo de pontos de vista diferentes, mas dialógicos e interdisciplinares.

Mais do que esgotar e encerrar um assunto em torno dessas primeiras percepções, é anseio dos integrantes do projeto expandir ainda mais as possibilidades de percepções sensoriais e cognitivas, a partir de uma postura de aprendizes atentos aos saberes tradicionais ameríndios, ainda tão desconhecidos pelo projeto.

Também é intenção deste trabalho estimular a aproximação das Universidade do saber tradicional, especialmente aqueles compartilhados pelos povos ameríndios e as diversas cosmovisões que resistem entre as etnias que ainda resistem no território brasileiro.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DESANA, Paulo. **Obra Pamürimasa** (“os Espíritos da Transformação”) (BRASIL). 2022. In: TEPI, Teatro e os Povos Indígenas. Disponível em: <https://tepi.digital/obra-pamurimasa-os-espíritos-da-transformacao-brasil/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo Companhia das Letras, 2015.

MALDONADO, Alberto Efendy. A transmetodologia no contexto latino-americano. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Et al.) (Orgs). **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul; Natal: Unidavi; Editora da UFRN, 2012.

MIRÍADE FILMES. **Los Silencios** (2018). Disponível em: https://miriadefilmes.com.br/pt_br/portfolio-item/los-silencios/. Acesso em: 10 mai. 2022.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no Ciberespaço**. SP: Itaú Cultural-UNESP, 2003.

MUSEUM OF PERFORMANCE + DESIGN. **Anna Halprin Digital Archive: The Branch**. 1957. Disponível em: <https://annahalprindigitalarchive.omeka.net/exhibits/show/performances/the-branch>. Acesso em: 09 abr. 2022.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. 417 p.

TEPI, Teatro e os Povos Indígenas. Disponível em: <https://tepi.digital/obra-pamurimasa-os-espíritos-da-transformacao-brasil/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VALENTE, José Armando. **A telepresença na formação de professores da área de Informática em Educação: implantando o construcionismo contextualizado**. Actas do IV Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação. RIBIE98, Brasília, CD-Rom, /trabalhos/232.pdt, 1998. Disponível em: http://www.ufrgs.br/niece/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/232.pdf. Acessado em: 07 jun. 2022.

VALENTE, José Armando; PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. (Org.). **Educação a distância via Internet**. 2ª Edição, São Paulo: Avercamp, 2005.